

As Flores Do Mal sem medida: por uma retradução de Charles Baudelaire

Álvaro Faleiros*

RESUMO: O intuito deste artigo é discutir a possibilidade de uma retradução das Flores do mal “sem medida”. Para tal, é importante considerar o papel de Baudelaire no sistema literário brasileiro. No caso, serão tratados, sobretudo, os trabalhos mais recentes com os quais dialoga a proposta de retradução aqui apresentada.

PALAVRAS-CHAVE: retradução poética; Baudelaire; Flores do mal; recepção.

RESUMÉ: La visée de cet article est de discuter la possibilité de faire une retraduction des Fleurs du mal ‘sans mesure’. Pour cela il est important d’examiner le rôle de Baudelaire au sein du système littéraire brésilien. Dans cette étude seront traités surtout les travaux les plus récents, travaux avec lesquels le projet de retraduction ici présenté établit un dialogue.

MOTS-CLÉ: retraduction poétique; Baudelaire; Fleurs du mal; réception.

Pensar a reescrita como retradução implica não se ater à relação entre original e tradução. Parte-se de um pressuposto distinto: o texto traduzido está envolvido numa imensa rede e os modos de reescrevê-lo interagem com as escritas anteriores. Em vez do apagamento, contido na imagem do palimpsesto, a imagem de um hipertexto desdobrando-se em virtualidades parece mais adequada. Assim, o projeto de retradução de Baudelaire aqui proposto deve ser entendido em função da recepção de Baudelaire no Brasil.

* Professor da Universidade de São Paulo (USP).

Baudelaire no sistema literário brasileiro

Em sua reflexão sobre as teorias da tradução, Else Vieira (1996, p. 107) destaca a contribuição dos autores da escola de Tel-aviv, sobretudo de Even-Zohar, que, em vez de considerar o possível efeito do texto sobre o leitor, interessa-se pelo efeito da tradução sobre a dinâmica do sistema literário da língua-cultura de chegada. Conforme Else Vieira (1996, p. 125), a literatura traduzida deve ser considerada na sua conexão com a literatura original e enfatiza o caráter dinâmico e heterogêneo dos sistemas, por isso chamados de polissistemas, nos quais estão imbricadas traduções, obras originais, outras formas de comentários, outras instâncias de controle e de legitimação. O caráter complexo dos sistemas também se dá pela existência de hierarquias culturais, ou seja, pelas relações dialéticas entre centro e periferia.

A existência dessa rede múltipla evidencia que, no momento de se fazer uma escolha tradutória, sobretudo quando se trata de um autor bastante traduzido e retraduzido, é importante perguntar-se sobre o papel e o lugar que ocupa no sistema literário de chegada. No Brasil, como se sabe, os efeitos das traduções e retraduições e, para retomar Glória Carneiro do Amaral (1996), também os efeitos das “aclimatações” de Baudelaire, são altamente produtivos na configuração do sistema literário brasileiro.

Desde o artigo de Machado de Assis, de 1879, multiplicaram-se as reflexões e os mapeamentos da influência literária de Baudelaire no Brasil. Como assinala Antônio Cândido (1989, p. 24), nos anos de 1870 e começo dos de 1880, “a presença de Baudelaire foi decisiva para definir os rumos da produção poética” brasileira. E foram poucos os autores estrangeiros que alcançaram esse grau de influência na formação da literatura brasileira.

Haddad (*In* BAUDELAIRE, 1981, p. 7), por sua vez, destaca a “presença física” do poeta francês, que reverbera em repetidas homenagens, que vão desde os pré-parnasianos Carvalho Júnior, Teófilo Dias e Fontoura Xavier,

comentados por Antônio Cândido, até o mais recente Vinícius de Moraes, passando pela geração parnasiano-simbolista, da qual fez parte, como assinala Haddad, o poeta Pereira da Silva.

Um terceiro aspecto relevante para se dimensionar o papel de Baudelaire no sistema literário brasileiro é o número considerável de traduções e retraduições de sua obra em português. Talvez nenhum outro poeta tenha sido tão retraduzido a ponto de, hoje, dispormos, inclusive, de uma edição de suas obras completas em português, além de várias edições de poemas de *As flores do mal*, algumas integrais.

Assim, Baudelaire, por meio das inúmeras traduções, adaptações, aclimatações, paráfrases e homenagens que recebeu, faz parte do sistema literário brasileiro.

Sobre algumas traduções e retraduições de Baudelaire no Brasil

Como foi assinalado, há, no Brasil, um conjunto considerável de (re)traduções de Baudelaire. Em relação à tradução de *As flores do mal*, os mais citados costumam ser Guilherme de Almeida, Jamil Almansour Haddad e Ivan Junqueira. O primeiro é responsável por uma seleção pessoal de poemas, publicada originalmente em 1943; o segundo fez a primeira tradução integral das *Flores do mal*, em 1957; e o terceiro concluiu outra versão completa do livro de Baudelaire, em 1985. Mais recentemente, em 2003, Juremir Machado da Silva publicou uma curiosa seleção de poemas de Baudelaire, intitulada *Flores do mal: o amor segundo Charles Baudelaire*, em que retraduz poemas de Baudelaire. Ainda que não se trate aqui de retomar em profundidade a abordagem de cada autor, traçamos um breve panorama.

O primeiro dos tradutores em questão, Guilherme de Almeida, ao comentar sua proposta de tradução (BAUDELAIRE, s.d., p. 15), define seu trabalho como uma recriação. E, por se tratar, segundo ele, do resultado de

um processo lento e contínuo de memorização dos textos, eles acabariam ressurgindo em português:

À força de dizê-los e redizê-los, citá-los e recitá-los, acabei por me surpreender ouvindo-os de mim mesmo na minha língua mesma. E, por isso, com seu ritmo nativo intacto, com seu espírito inato incólume.

Ainda que soe hoje algo ingênuo o teor de suas últimas considerações – “ritmo nativo intacto”; “espírito inato incólume” –, estas indicam seu propósito de aproximar-se formalmente e retoricamente do texto baudelairiano.

Haddad (BAUDELAIRE, 1981, p. 14), por sua vez, revela sua postura tradutória (que, em linhas gerais, corresponde àquela adotada também por Ivan Junqueira) ao afirmar que:

O vazo da tradução de Baudelaire pode ser entre nós levado à conta do triunfo da estética parnasiana. Só mesmo uma escola poética desta ordem, levando longe o sonho de apuro da linguagem e perfeição técnica, pode fazer da tradução de poemas um exercício realmente valioso.

O que se nota é uma valorização dos aspectos formais do poema, sem que haja reflexão mais aprofundada sobre os aspectos prosódicos e semânticos do texto baudelairiano. Dimensões, contudo, fundamentais, pois, como lembra Antoine Compagnon (2007, p. 416), “Baudelaire introduziu na poesia uma trivialidade verbal, o prosaísmo”.

A retradução de Juremir Machado

A retradução proposta por Juremir Machado da Silva é precedida de um breve prefácio, intitulado “*Reescandalizar Baudelaire ou como ser fielmente infiel*” (In BAUDELAIRE, 2003). Nele, Silva se coloca explicitamente no papel de retradutor. Ele inicia seu prefácio afirmando (BAUDELAIRE, 2003, p. 5):

Esta tradução é uma homenagem e um diálogo com três dos maiores e mais consagrados tradutores brasileiros de Charles Baudelaire: Jamil Almansour Haddad, Ivan Junqueira e Guilherme de Almeida. Os dois primeiros traduziram a totalidade de *As Flores do mal*. O Poeta Guilherme de Almeida escolheu suas Flores entre as Flores. Por que recomeçar o que os outros já fizeram com tanto talento e rigor?

Ele mesmo responde à pergunta, ao traçar ligeiros comentários sobre os três tradutores que o precederam. Ele considera, por um lado, as escolhas de Haddad mais “pudicas” em situações de ambiguidade e, por outro, Ivan Junqueira “mais frio, menos intenso, mais técnico”. Quanto às traduções de Almeida, contenta-se em chamá-las de “pessoais”. Para suas próprias traduções, tem como critérios, “exclusivamente, a paixão e o caos” e estas, em resposta às traduções anteriores, estão “mais fascinadas pelo vulgar do que pelo rebuscado”.

Com efeito, Silva produz a mais prosaica das quatro traduções. O destaque que dá à “paixão” leva-o a uma quebra constante da isometria. A paixão e o caos propostos por Silva esbarram, contudo, no pudor da rima. Em suas traduções, procura manter os mesmos esquemas rítmicos encontrados em Baudelaire, ainda que isso acarrete transformações vocabulares importantes. Assim, a liberdade que adquire acaba por desestabilizar mais retoricamente do que textualmente as propostas tradutórias anteriores, uma vez que fica a meio caminho entre um Baudelaire em prosa, carregado pela força de suas imagens e, por que não, pelo andamento de sua sintaxe, e o Baudelaire lapidador do verso clássico. Pode-se notar a força da tradição de enfatizar os aspectos formais (métrica e rima, sobretudo) na tradução poética no Brasil. A força dessa tradição é tamanha que, mesmo o mais “caótico”, “frívolo” e “pós-moderno” tradutor não consegue desvencilhar-se completamente de suas rédeas.

Em função do que foi brevemente exposto acima, nota-se que a retradução de Juremir Machado de Silva aponta

para uma espécie de esgotamento de um determinado modelo e o surgimento de uma nova proposta de retradução, ou seja, há hoje um conjunto considerável de traduções dos poemas de Baudelaire que, muitas vezes, em detrimento das imagens, fixaram-se nos aspectos formais, produzindo um Baudelaire mais rigoroso e frio, de índole parnasiana. Com sua atitude irreverente, Silva tenta outra via, chega de forma ainda rude e desajeitada, mas abre a primeira picada numa senda ainda inexplorada no Brasil.

Enfim, é possível dizer que as traduções de Baudelaire realizadas ao longo do século XX, em sua maioria, aproximam-se bastante da abordagem adotada pelos primeiros baudelairianos, que, por sua vez, conforme Antônio Candido (1989, p. 38), foram “uma espécie de pré-parnasianos, sobretudo na medida em que aprenderam com seu inspirador o cuidado formal, o amor pelas imagens raras, a recuperação do soneto e das formas fixas [...] mas refugaram ou não sentiram bem a coragem do prosaísmo e do torneios coloquiais”.

Talvez agora, quase 150 anos depois de sua primeira recepção, estejamos no Brasil mais dispostos a considerar ensaios que proponham outra maneira de se traduzir as *Flores do mal* no Brasil. Afinal de contas, como assinala Walter Benjamin, em sua clássica introdução a sua tradução de *As flores do mal* (2001, p. 197): “Pois na continuação de sua vida (que não mereceria tal nome, se não constituísse em transformação e renovação de tudo aquilo que vive), o original se modifica”. Este é o princípio que rege uma tradução das *Flores do mal sem medida*.

Baudelaire poeta e tradutor, da poesia à prosa

Propor uma reescritura como retradução implica considerar, além das traduções anteriores, a recepção crítica do texto em questão no sistema literário de chegada, pois, como assinala André Lefevere (*apud* VIEIRA, p. 140), as formas que pode assumir a metaliteratura, como espaço de refração e de canonização de uma obra, incluem não só a

tradução, mas os comentários das obras e de suas traduções. No caso de Baudelaire, recentemente, no Brasil, foi publicada uma coletânea de ensaios, escritos entre 1983 e 2001 por Alfonso Berardinelli (2007), com o título evocador de “Da poesia à prosa”.

Berardinelli, em seu ensaio dedicado “às muitas vozes da poesia moderna”, critica a concepção de lírica moderna de Hugo Friedrich, que teria como limitação o fato de desenvolver um “esquema que se baseia na centralidade de Mallarmé” e que acabaria sendo “uma contribuição indireta à teoria da *poésie pure*” (2007, p. 19). A essa visão, contrapõe as leituras de Eliot, Edmund Wilson, Erich Heller e, sobretudo, Adorno, para quem a opacidade da poesia moderna e sua dissonância são indícios não de uma “potência da linguagem e da fantasia”, como interpreta Friedrich, mas de uma “laceração da existência que a poesia (2007, p. 35-36), com os recursos de que dispõe, não pode recompor”, manifestando, dessa maneira, não uma inquietação meramente formal (*poésie pure*), mas, de certo modo, coletiva. Para Berardinelli, é interessante, em Adorno, a relação que indica

entre o apelo ao popular no Romantismo (apelo julgado extrínseco e acrítico) e a presença do conteúdo social, da piedade e da denúncia em um poeta como Baudelaire, poeta em que, teoricamente, a poesia faz um pacto com a artificialidade, a bizarria, a frieza e a recusa de qualquer moral da participação e da compaixão. Justamente, em Baudelaire, não obstante sua poética, ou graças a ela, o conteúdo social e a “subterrânea corrente coletiva” podem manifestar-se poeticamente em sua nudez anti-retórica e numa agudeza realista desconhecida pela literatura “sobre a pobre gente”, programaticamente dedicada à representação dos males da sociedade (2007, p. 37).

O que chama a atenção é que, em vez de valorizar a artificialidade em Baudelaire, elemento sem dúvida presente e importante, Berardinelli destaca o que chama de “nudez anti-retórica”, que se vincula a uma “agudeza realista”, até

então desconhecida pela literatura. Estas seriam marcas da poética baudelaireana centrais para a compreensão de sua modernidade.

Berardinelli (2007, p. 38), no final de seu ensaio, volta ao cerne de sua discussão, sua crítica a Friedrich. Assim, para o autor italiano, o destaque dado a “originalidades estilísticas” e “conquistas formais” não apenas seria redutor por não considerar a riqueza e diversidade das correntes, mas tampouco “faz justiça ao sentido histórico e à situação expressa por essa poesia”.

Nesse sentido, Berardinelli conclui retomando um texto de Auerbach (2007, p. 331-332), em que este afirma:

[N]ão quero terminar este breve ensaio com a celebração do feito literário de Baudelaire, mas sim com o motivo por onde principiamos, o horror de *As flores do mal*. É um livro de desesperança sombria, de tentativas absurdas e fúteis de inebriar e escapar. [...] Os que são tomados pelo horror não falam do *frisson nouveau*, não gritam bravo nem congratulam o poeta por sua originalidade. Até mesmo a admiração de Flaubert, apesar de lapidarmente formulada, é estética demais. Muitos críticos posteriores deram por evidente que o livro só poderia ser considerado de um ponto de vista estético e rejeitaram com escárnio outra possibilidade de abordagem. Parece-nos que a crítica puramente estética não está à altura da tarefa, embora Baudelaire dificilmente pudesse compartilhar de nossa opinião: ele estava contaminado pela idolatria da arte que ainda está presente entre nós.

Em sua colocação contrária à adoção de uma abordagem estética, o que se destaca na obra de Baudelaire é o horror. A questão é como retraduzir este horror, ou, por que não, como colocar este horror em primeiro plano? A retradução “sem medida” dos poemas de *As flores do mal* parece apontar para essa possibilidade, ainda que Baudelaire, como lembra Auerbach, estivesse contaminado pela idolatria da arte.

Essa contaminação, contudo, não levou o Baudelaire tradutor a adotar um critério de correspondência formal ao traduzir Edgar Allan Poe, poeta que admirava e que ajudou a divulgar. Em 1853, apenas oito anos após a publicação do Corvo, Baudelaire realiza sua tradução. Como ilustração, reproduzimos a primeira estrofe de Poe e de Baudelaire (*In POE*, 1998, p. 27; 33).

*Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.
"Tis some visitor," I muttered, "tapping at my chamber door
—
Only this, and nothing more."*

Une fois, sur le minuit lugubre, pendant que je méditais, faible et fatigué, sur maint précieux et curieux volume d'une doctrine oubliée, pendant que je donnais de la tête, presque assoupi, soudain il se fit un tapotement, comme de quelqu'un frappant doucement, frappant à la porte de ma chambre. « C'est quelque visiteur, – murmurai-je, – qui frappe à la porte de ma chambre ; ce n'est que cela et rien de plus. »

Com efeito, a escolha de Baudelaire, ao traduzir Poe, é a adoção de um critério mais literal, como afirma o próprio Baudelaire (*In LEMONNIER*, 1928, p. 183):

Il faut surtout s'attacher à suivre le texte littéral ; certaines choses seraient devenues bien autrement obscures si j'avais voulu paraphraser mon auteur au lieu de me tenir servilement attaché à la lettre.

É necessário, sobretudo, ficar preso ao texto literal; algumas coisas teriam se tornado bem distintamente obscuras caso eu quisesse parafrasear meu autor ao invés de ficar servilmente preso à letra.

Optar por uma sintaxe mais colada à do texto sugere que, para Baudelaire, o lugar de cada palavra no verso tem uma razão de ser e modificar essa relação seria, de algum modo, distanciar-se da lógica textual pretendida por Poe. Entretanto, para Ivo Barroso, em seu estudo sobre “O Corvo e suas traduções”, os efeitos de aliteração do texto em inglês, não transpostos para o francês, seriam responsáveis pelo “malogro de traduzi-lo em prosa, como o fizeram Baudelaire e Mallarmé” (*In POE*, 1998, p. 12).

Esse tipo de crítica não compreende a escolha de Baudelaire que, além de produzir um texto prosaico que habitará sua poética, é uma escolha tradutória incomum à sua época, momento em que predominava, na França, a tradução como paráfrase. A escolha de Baudelaire produz, assim, um estranhamento, tanto retórico-formalmente quanto sintaticamente. Isto é, para Ivo Barroso, a tradução deveria ser medida pelo seu sucesso formal.

As considerações feitas até então apontam para a possibilidade de uma retradução crítica pautada por outros critérios, como a historicidade do traduzir. No caso de Baudelaire, trata-se de um poeta hoje conhecido da maioria dos leitores de poesia e, em língua portuguesa, boa parte desses ou já leu o texto de partida ou alguma tradução. Quem conhece as traduções de Baudelaire para o português sabe que, em sua grande maioria, por um excesso de zelo à forma, a maioria delas hiperdimensiona o caráter formal, transformando Baudelaire, frequentemente, num poeta parnasiano, ou quase.

Por que, diante dessa longa tradição tão idêntica a si mesma, e da decomposição poética praticada pelo próprio Baudelaire tradutor de Poe, não exercer o direito de retraduzi-lo “sem medida”? Não que esta seja uma tradução definitiva, mas ela certamente aproxima o leitor do “horror” de que fala Auerbach e da “nudez anti-retórica” apontada por Berardinelli. Voltar à retradução como crítica parece ser um caminho válido desde a crítica da retradução.

Assim, por exemplo, falaria “Ao leitor” um Baudelaire em prosa do mal:

Ao leitor

A tolice, o erro, o pecado, o mesquinho ocupam nossos espíritos, trabalham os corpos. E nós, como os mendigos seus vermes, alimentamos nossos mais caros remorsos. Temos pecados teimosos e arrependimentos covardes; cobramos caro as confissões e voltamos felizes pela lama da estrada, acreditando com vis lágrimas lavar as marcas.

O travesseiro do mal acolhe Satã Trismegisto que embala com calma nossa alma encantada, e o rico metal de nossa vontade evapora nas mãos desse sábio alquimista. O diabo é quem segura os fios que nos movem: os objetos nojentos nos fisgam; a cada dia rumo ao inferno descemos um passo, sem horror, através do fedor das trevas.

Assim feito um devasso que beija e come o seio martirizado de uma puta velha, roubamos de passagem um prazer clandestino; esprememos com gana essa quase passada laranja. Preso, formiga, como um milhão de helmintos em nossa mente, uma multidão bêbada de demônios, e, quando respiramos, a morte em nossos pulmões desce, febre invisível de surdos lamentos.

Se o estupro, o veneno, o punhal, o incêndio ainda não bordaram com seus graciosos desenhos o bosquejo banal de nosso miserável destino, é que nossa alma – que pena – não é tão atrevida.

Mas entre os chacais, as panteras, os lincos, os escorpões, os macacos, as serpentes, os abutres, os monstros que grasnam, rosnam, rastejam, gritam, no zoo infame de nossos vícios, há um ainda mais feio, maléfico, imundo; mesmo se não berra nem gesticula muito, deixaria a terra em cacos e num bocejo engoliria o mundo: o Tédio – olho pleno de um choro involuntário, fumando seu cachimbo, sonha cadafalsos.

Você conhece, leitor, esse monstro delicado, – hipócrita leitor, – meu igual, – meu irmão.

Referências

AMARAL Glória Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: Annablume, 1996.

AUERBACH, E. *As Flores do mal* e o sublime. In: _____. *Ensaíos de literatura ocidental*. Tradução de Samuel Titan Jr. e José M. M. de Marcelo. São Paulo: 34/Duas cidades, 2007.

BAUDELAIRE, Ch. *As flores das flores do mal*. Tradução e notas de Guilherme de Almeida. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

_____. *As flores do mal*. Tradução de Jamil Almansour Haddad. São Paulo: Max Limonad, 1981.

_____. *Flores do mal: o amor segundo Charles Baudelaire*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.

BENJAMIN, W. A Tarefa-renúncia do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução: alemão-português*. Florianópolis: UFSC/NUPLIT, 2001.

BERARDINELLI, A. *Da poesia à prosa*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosacnaify, 2007.

COMPAGNON, A. De la poésie lyrique à la poésie. In: DELON et al. *La littérature française: dynamique et histoire II*. Paris: Gallimard, 2007.

LEMONNIER, L. *Les traducteurs d'Edgar Poe en France de 1845 à 1875*. Paris: Presses Universitaires de France, 1928.

MELLO E SOUSA, Antônio Cândido. Os primeiro baudelairianos. In: _____. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1989.

POE, E. A. "O corvo" e suas traduções. Org. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.

VIEIRA, E. *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1996.